



PELA VIDA - 1978

40 Anos do Festival pela Vida e contra o Nuclear

Gazeta das Caldas
31 Agosto | 2018

Editorial

21 de Janeiro de 1978, um sábado frio no início de um ano cujas perspectivas em termos ambientais não eram muito optimistas. O Nuclear prosperava e implantava-se pelo mundo desenvolvido, tanto no bloco capitalista, como no dito socialista. Havia modelos de centrais nucleares para todos os gostos. Uns mais à "direita" e outros mais à "esquerda", mas mesmo nos países mais social democratas, como a Alemanha Federal de Willy Brandt e de Wilmut Schmidt, que apoiaram solidariamente a jovem democracia portuguesa, o nuclear não tinha discussão..

Era o top do desenvolvimento tecnológico para resolver o problema das carências energéticas ou da obsessão com o fim dos recursos energéticos fósseis, criando uma fonte de energia tendencialmente mais barata e propagandisticamente inesgotável. Esqueciam ou escondiam, com a demagogia científica da época, os problemas da segurança e do seu custo, da concentração monopolista da produção, e achavam impossível ou improvável a ocorrência de acidentes muito graves.

Apenas os ecologistas, e alguns ambientalistas, que na época não tinham posições doutrinárias comuns, bem como alguns movimentos mais ligados a certo radicalismo social e político, se opunham a este movimento de nuclearização do mundo. O investimento no nuclear dito pacífico estava, de certa forma, ligado também à geopolítica regional que justificava a proliferação nuclear através do investimento nas armas atómicas, pelos principais países do mundo, nomeadamente os EUA, a União Soviética, a França, a Grã-Bretanha, e alguns países que assim queriam justificar as suas contingências geopolíticas, como a Índia, o Paquistão e Israel.

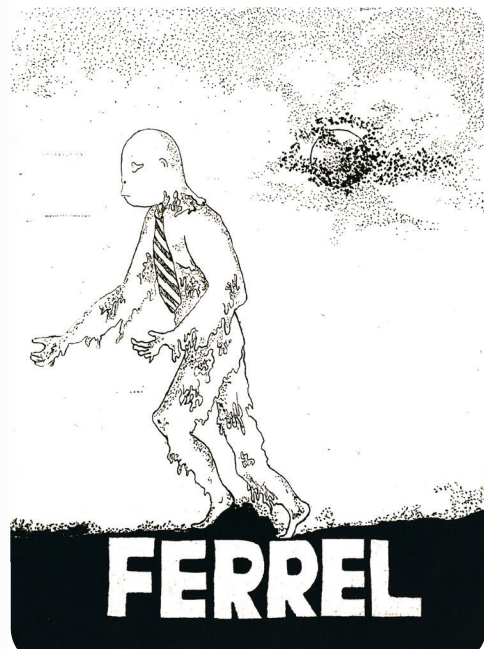
Portugal, através de alguns dos seus tecnólogos ligados ao sistema de produção energética nacional, sonhava aventurar-se por estes caminhos da produção de energia nuclear, pois a moda também podia chegar ao país à beira mar plantado. Os vizinhos espanhóis, com maior capacidade económica e financeira, estavam já a trabalhar nesse sentido tendo os primeiros reactores instalados e os lugares também não queriam ficar para trás.

Um tanto, no segredo dos deuses, o lobby avançou na segunda metade da década de 70, ainda com o regime democrático imberbe, com a decisão de criar "em Ferrel lá p'ra Peniche", como Fausto cantou, a primeira central nuclear portuguesa, com quatro reactores. Logo que tal se soube, os habitantes de Ferrel iniciaram uma luta contra gigantes, a que nós - **Gazeta das Caldas** - nos associámos algum tempo depois.

Faz neste ano de 2018 quarenta anos que nos aventuramos a organizar, com o apoio directo e indirecto de muitos mais, incluindo inúmeros grupos nacionais e internacionais, que também lutavam por esse mundo fora contra idêntica (e em muitos casos real) ameaça, na organização do I Festival Pela Vida e Contra o Nuclear, que se realizou nas Caldas da Rainha e em Ferrel, no fim de semana de 20 e 21 de Janeiro.

Neste pequeno suplemento Pela Vida, que relembra a iniciativa da **Gazeta das Caldas** associada a este movimento e que mostrou o nosso activismo antinuclear e ecologista, em todo o país e no estrangeiro, testemunham-se esses tempos já distantes, pela mão de vários protagonistas destas lutas na época e desde aí.

Na história da resistência ao nuclear e da luta por uma vida mais sustentável e amiga do ambiente, **Gazeta das Caldas** está bem firmada e é reconhecida unanimemente e sem discussão. Continuamos a dizer presente quase meio século depois. E repetimos o último verso de Fausto, que, felizmente, não se confirmou:



"Em Ferrel lá p'ra Peniche
vão fazer uma central
que para alguns é nuclear
mas para muitos é mortal
os peixes hão-de vir à mão
um doente outro sem vida
não tem vida o pescador
morre o sável e o salmão
isto é civilização
assim falou um senhor
tem cuidado."



JLAS

FERREL 1976-78: então e hoje, que significado?

Quarenta anos depois de 1976 (manifestação antinuclear da população de Ferrel), quarenta anos depois de 1978 (Festival pela Vida e Contra o Nuclear, nas Caldas da Rainha e Ferrel), que significado teve e tem ainda hoje tudo isso? Para mim, subjetivamente, e para Portugal, na minha interpretação, ela também subjetiva. Falível como tudo - esta é no entanto a que proponho.

A população de Ferrel, em 1976, tocou o sino a rebate. Dois anos depois, o País, incluindo Lisboa, renovava o alerta e colocava no centro do debate energético a oposição ao nuclear. A história dessa luta no período inicial está vividamente narrada no livro A Maldição das Bruxas de Ferrel, de Mariano Calado, que alia o pendor romanesco à fidelidade histórica, factual e científica. Tive a possibilidade de editar esse livro em 2006 na minha microeditora, Edições Sempre-em-Pé, no contexto da comemoração dos 30 anos da manifestação de 1976 em Ferrel.

Em 1974 (e já de antes do 25 de abril), Afonso Cautela e J. J. Delgado Domingos vinham tentando colocar o assunto na primeira página da agenda coletiva. O primeiro, na área do jornalismo mas também na da cidadania de base, com a criação do Movimento Ecológico Português e do jornal Frente Ecológica, e ainda de numerosas outras publicações, folhas e pequenas brochuras, algumas das quais inteiramente dedicadas à crítica da energia nuclear dita civil. O segundo, com o seu prestígio ascendente de jovem professor do ensino superior (e logo na mais conceituada escola de ensino tecnológico de alto nível, o Instituto Superior Técnico), dando a caução do seu conhecimento e do seu ensino nos meios profissionais e técnicos, afirmava a crítica do nuclear como uma posição rigorosa, cientificamente apoiada, alargando à opinião pública, por meio de numerosos artigos na imprensa e noutros meios de informação, a perspetiva crítica e a atitude cívica.

DE BUARCOS AO PORTO E A LAGOS

No que me toca, já em 1974, no âmbito de um encontro do Movimento Ecológico Português (Buarcos, Figueira da Foz), tinha apresentado uma moção na qual defendia uma moratória que congelasse qualquer projeto nuclear em Portugal antes que um profundo debate tivesse sido efetuado sobre o assunto. No Porto, juntamente com uma quinzena de companheiros, constituímos em 1975-76 o GAIEP - Grupo Autónomo de Intervenção Ecológica do Porto, que iria colocar a luta antinuclear na primeira linha da sua atuação. Pude também então, graças ao acolhimento das Edições Afrontamento, editar em tradução o livro O átomo e a história, do médico francês Pierre Pizon (de quem soube graças a Jean Pignero, o mais humilde e extraordinário militante - antinuclear e ecológico - que

pessoalmente conheci, a par de Pierre Fournier - que apenas conheci como seu leitor). Livro esse que é um monumento de seriedade e solidez em termos de história, técnica, biologia e medicina.

A partir de 1976-77 e de Lagos (onde então lecionava), pude continuar a colaborar com alguns desses companheiros do Porto, alguns dos quais entretanto se iam fixando numa aldeia do concelho de Lagos, Barão de São João, em torno de um projeto visionário embora efêmero que se designava pelo nome de Renascimento Rural. Com alguns outros de Lisboa, a que se juntaria a **Gazeta das Caldas** e o seu diretor (ainda hoje o é), José Luiz de Almeida Silva, e grupos da região do Alviela, de Leiria e de Coimbra, começámos a preparar uma ação pública que queria afirmar uma ampla vontade de recusa do nuclear e a nossa solidariedade para com o povo de Ferrel na sua decisão firme de o impedir no seu próprio chão.

QUE SIGNIFICADO TEVE E TEM TUDO ISSO HOJE?

Houve certamente outros fatores que contribuíram para que em Portugal a loucura nuclear não tivesse vingado. Mas as gentes de Ferrel em 1976, e os grupos e pessoas que propulsionaram o Festival de 1978, não podem ser ignorados pois foram cruciais na criação pública de uma opinião desfavorável à nuclearização do País. Em 2005-2006, quando um lóbi nuclear quis inverter o desinteresse que no País reinava pela construção de centrais atómicas, a comemoração dos 30 anos da manifestação de Ferrel mostrou que o sentimento antinuclear em Portugal não estava morto mas simplesmente em estado de latência. Em pouco tempo, da latência se passou à ação decidida. Cinco anos mais tarde, em março de 2011, Fukushima enterraria de vez tais pretensões.

Ferrel mostrou também que aqueles que apelidaram a população humilde como gente desinformada ou mesmo ignorante, segundo a corrente tecnocrática pró-nuclear, eram eles sim os verdadeiros ignorantes. Hoje, quando outros problemas energéticos, como os relacionados com as alterações climáticas, se erguem de modo incontornável, a lição de 1976-78 permanece válida e inspiradora. Desta vez, assistimos a uma cena de travestimento: os poderes, da boca para fora, estão muito empenhados na sustentabilidade energética e no cumprimento das metas do Acordo de Paris. Na realidade, querem desfazer com a mão esquerda (promovendo a exploração de combustíveis fósseis, causas do agravamento das alterações climáticas, e subsidiando-os pesadamente) o que fizeram com a mão direita ao aprovarem de boca o referido Acordo.

(cont. última página)

A Urtiga

Embora datado de fevereiro de 1978, o primeiro número da revista A Urtiga (título acompanhado de descritores temáticos: Modos de vida, Alternativas práticas, Ecologia crítica, Resistência e transição urbana, Renascimento rural) circulou já durante o Festival Pela Vida Contra o Nuclear, realizado nas Caldas da Rainha e Ferrel nos finais de janeiro. Na sequência dos livros Viver é Preciso, que integravam uns Cadernos de Ecologia e Sociedade, e do espírito emanado da revista Alternativa, editada então no Porto pelo Grupo Autónomo de Intervenção Ecológica - GAIEP, A Urtiga espelhava com criatividade diversas correntes de pensamento e intervenção que então atravessavam, e ainda atravessam, o movimento ecológico universal, no qual a luta antinuclear, representava, e ainda representa, a espinha dorsal de onde irradiam diversas ramificações no domínio da energia, da agricultura (ela também energia), da organização social, da filosofia e da ética.





PATRIMONIUM

Centro de Estudos e Defesa
do Património da Região de Peniche

No Ano Europeu do Património Cultural 2018, assinalamos os 40 anos do I Festival Pela Vida Contra a Central Nuclear, que decorreu nas Caldas da Rainha e em Ferrel nos dias 20 e 21 de Janeiro de 1978. No âmbito de uma Estratégia para o Património Cultural no século XXI e da sinergia entre património cultural e políticas ambientais, o Património histórico-cultural de Ferrel constitui um elemento diferenciador e um contributo relevante para o desenvolvimento local.

A Revolução Portuguesa, de 1974 - 1975, desencadeou um conjunto significativo de transformações na sociedade portuguesa contemporânea, nomeadamente a transição para a Democracia. No contexto do PREC e de construção da Democracia, o debate em torno da opção nuclear era já uma reivindicação de ecologistas e ambientalistas. O projecto de instalação da primeira central nuclear em território nacional, com vista à produção de energia eléctrica, deu origem a uma onda de contestação e mobilização social que ganhou uma dimensão popular e nacional com a marcha do Povo de Ferrel em 15 de Março de 1976. O problema do Ambiente estava na ordem do dia, preocupações com a sustentabilidade ambiental e com a saúde pública conduziram à recusa da opção nuclear, pelas energias renováveis. Durante a primeira vaga antinuclear "Nuclear, não obrigado!" (1976-1979), o povo de Ferrel esteve na frente da luta contra o Nuclear em Portugal. Ambientalistas, académicos, músicos e grande parte da sociedade portuguesa e internacional uniram esforços numa solidariedade sem fronteiras em torno do Povo de Ferrel. A História da luta do povo de Ferrel contra a central nuclear, sobretudo as memórias da marcha de 15 de Março de 1976 e do I Festival Pela Vida Contra a Central Nuclear, deram origem a diversas formas de expressão cultural. Uma memória colectiva materializada numa pintura mural (da Bruxa), na obra de romance e ficção de Mariano Calado intitulada A Maldição das Bruxas de Ferrel, no boletim distribuído pela Junta de Freguesia de Ferrel O Nuclear, nos poemas de autores locais, sem esquecer a canção de Fausto "Rosalinda (Se tu fores ver o mar)", de 1976, a primeira canção ecologista em Portugal.

Não fossem as conquistas da Democracia e a mobilização social pela sustentabilidade, o concelho de Peniche teria certamente que viver com a ameaça de uma central nuclear. No local onde estava prevista a instalação da central, o Moinho Velho, o cultivo dos terrenos férteis proporcionou grande crescimento da Agricultura. Mais tarde surgiu um equipamento turístico e foi instalado o projecto Waveroller. Num concelho onde a Agricultura, a Pesca e o Turismo são a base da economia e onde o Mar é uma oportunidade de desenvolvimento, compreendemos a importância desta Luta pela sustentabilidade. Hoje temos a produção de energia eólica, de energia solar e de energia das ondas e marés, num território que sabe honrar a sua herança histórica e cultural.

Reconhecendo a importância deste património histórico e cultural de Ferrel, para a valorização do território e para autoestima das gentes desta vila, a Associação PATRIMONIUM - Centro de Estudos e Defesa do Património da Região de Peniche tem vindo a realizar um trabalho de investigação histórica sobre a História da luta do povo de Ferrel contra a central nuclear. Os primeiros resultados

desta pesquisa foram apresentados no III Congresso de História do Movimento Operário e dos Movimentos Sociais em Portugal, também de forma a divulgar esta temática foi organizada uma Exposição itinerante que esteve patente na Escola Secundária de Peniche, na Junta de Freguesia de Ferrel e na Junta de Freguesia de Serra D'El-Rei. Este trabalho tem decorrido no âmbito de uma parceria com a Junta de Freguesia de Ferrel que, desde logo, compreendeu a valorização e o estudo do Património local como um contributo válido o desenvolvimento local.

A PATRIMONIUM, juntamente com a Gazeta das Caldas e com o Movimento Ibérico Anti-nuclear, organizou, em Ferrel, a comemoração dos 40 anos do I Festival Pela Vida Contra o Nuclear. Foi inaugurada uma pintura mural, recreação do mural pintado (a Bruxa) de 1978, e também teve lugar um encontro com a música tradicional e o folclore. Esta iniciativa enquadrou-se no Ano Europeu do Património Cultural 2018, na medida em que teve como principais objectivos "reavivar e reforçar a ligação da comunidade ao seu património", "reforçar o sentimento de pertença e de identidade local" e também contribuir para "sinergia entre património cultural e políticas ambientais". Compete às autarquias locais e à sociedade em geral, preservar e honrar este legado, transmitir estes valores às gerações vindouras, em nome da sustentabilidade.



Inês Grandela Lourenço

1- DECISÃO (UE) 2017/864 DO PARLAMENTO EUROPEU E DO CONSELHO de 17 de maio de 2017 sobre o Ano Europeu do Património Cultural (2018), in Jornal Oficial da União Europeia, L 131, 20 de Maio de 2017.

2- Recommendation of the Committee of Ministers to member States on the European Cultural Heritage Strategy for the 21st century, 22 de Fevereiro de 2017.

3- TAVARES, Bruno Ribeiro, O ambiente e as políticas ambientais em Portugal: contributos para uma abordagem histórica, dissertação de mestrado, Universidade Aberta, 2013.

4- MADEIRA, Bruno, Não foi para morrer que nós nascemos - O movimento ecológico do Porto, Universidade do Porto, Dissertação de mestrado - História Contemporânea, 2016, p.65.

5- Nuno Carvalho considera que a decisão de construir uma central nuclear em território nacional provocou, entre 1976 e 1978 "o primeiro grande movimento de contestação em Portugal relacionado com uma questão ambiental, assumindo particular importância neste movimento de contestação, entre outras, as figuras de José Carlos Marques, Afonso Cautela e Delgado Domingos." (in A construção do ambiente como problema social: Anos 70 - Anos 90, Dissertação doutoramento, FCSH-UNL, Lisboa, 2003, p. 111.)

6- RODRIGUES, Eugénia, Novos Movimentos Sociais e o Associativismo Ambientalista em Portugal, N. 60, Oficina do CES - Centro de Estudos Sociais, Coimbra, Setembro de 1995, p. 11.

7- Ferrel contra o Nuclear - 15 de Março de 1976 - Comunicação apresentada por Inês Lourenço no III Congresso de História do Movimento Operário e dos Movimentos Sociais em Portugal, em Lisboa na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, em 5 de Maio de 2017.

8- Jornal Oficial da União Europeia, L 131, 20 de Maio de 2017.

Olá, Gazeta,

Foi há quarenta anos, mas lembro-me de pormenores como se tivessem sido ontem. Cirandar por Ferrel, seguir o Zé Luiz à procura de sala adequada no edifício vitoriano das Caldas, a presença dos estudantes "anarcas" de Coimbra, uma breve reunião "de estado-maior" com o Cautela, o Coimbra e outros, bater o compasso do GAC com os nossos três (ou eram quatro, como os mosqueteiros?) baladeiros de boina basca e encapotados à alentejana cantando o que nós gostávamos de ouvir...

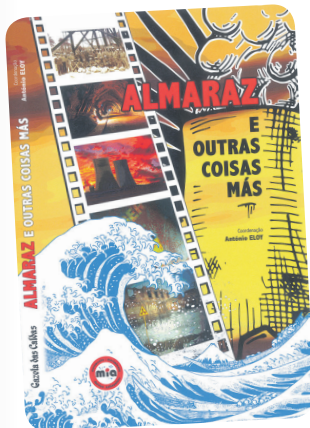
Sobretudo, recordo as minhas suspeitas de que a localização da central em Ferrel pudesse ser uma "manobra táctica" para ali fixar as atenções dos "anti-nucleares" com Delgado Domingues à cabeça, enquanto outro "site" se prepararia em segredo como "plano B alternativo" ou visando convencer o intelligence e os altos-comandos americanos para uma instalação com propósitos mais amplos e arrojados na zona de Tancos: tinha água fluvial abundante por perto, extensos espaços rurais já há muito constituídos em servidão militar, escassa população habitante e, sobretudo, gente do campo individualista e sem qualquer espécie de tradição de mobilização para causas colectivas (que não fossem as ordenadas pelo senhor presidente da câmara, pelo pároco ou pelo coronel do regimento vizinho). Desta congeminação, e aliado pela pretensão ilusória de "planeamento" que julgava faltar quase por inteiro aos meus amigos ecologistas, meti-me a fazer diversos "reconhecimentos" topográficos nessa região e sobretudo a tentar auscultar a disposição animica das pessoas ali residentes perante uma tal eventualidade. Ninguém admitia uma tal coisa nem alcançava o seu possível impacto! O mais que incomodava a ideia desses pequenos proprietários rurais era a hipótese do alargamento dos campos militares de Tancos ou Santa Margarida, por implicarem novas expropriações fundiárias que talvez os atingissem. Mesmo os tennanciers de modestos cafés (lembro-me que algum deles já emigrara em França e o assunto não lhe era desconhecido) meneavam a cabeça, pesando os prós e os contras que isso lhes poderia trazer, em termos de negócio e clientela. Apenas na "cooperativa agrícola de Árgea" (situada entre Tomar, Torres Novas e o Entroncamento, ainda explorando terras providas de uma ocupação "abrilista") haveria sensibilidade para o tema; mas esta era, pelo contrário, agudíssima e excessiva, porque transbordando dos tiques do "esquerdismo" urbano e lisboeta (quando não parisiense)...

Quarenta anos passaram, veio Three Mille Island, veio Chernobyl, veio Fukushima, mais uma longa lista de acidentes menos impactantes mas sempre graves e a lembrar-nos os riscos perenes associados a esta tecnologia. Algumas das grandes potências promotoras meteram travões nos seus planos de substituição do carbono pelo urânio como fonte energética para a produção de electricidade, o modo "domesticado" de energia mais abundante, barato e flexível que até agora se inventou. Hoje, onde falta a electricidade - como a água -, chega o caos, ao fim de poucas horas. Os "soviéticos" (no dizer de Lênine) passaram, mas a electricidade ficou. Vão ser duras batalhas civilizacionais a travar neste século XXI, estas da água e da "corrente a 220 volts" à la portée de la main.



João Freire

Almaraz e outras coisas Más



No início foi só um som... e o universo começou a expandir-se, com energia. E continuará, talvez com outros passageiros para lhe contar a história...

Hoje a humanidade, a biodiversidade da Terra, enfrenta 4 novos cavaleiros de Apocalipse. A Fome, devida às lógicas financeiras, que vão destruindo a ruralidade e a sua capacidade de produção e autonomia, e aos agro-químicos que lhe estão associados e a Guerra, as guerras motivadas pela conquista de espaço "vital" e o controle de produções e recursos, bem como a luta pela terra viva e água, com os mitos nacionalistas e os populismos debaixo da sua asa. A luta pela água, problemática pela sua degradação por químicos ou micro plásticos, e também por um novo cavaleiro as Alterações climáticas, que é hoje a Peste que alastra e invade todos os cantos do mundo e vai abrindo caminho a nova grande extinção de espécies.

Associado às alterações climáticas, com estas interligado seja pela lógica de centralização da produção, seja por escamotear que é contribuinte directo dessa ou emitir toneladas de dióxido de carbono na mineração, temos a Morte, a Nuclear todo o ciclo do urânio ou seu enriquecimento para fissão ou para a bomba.

Em #Almaraz e outras coisas más# falamos, 30 colaboradores, disso tudo que está acima, este livro, grito é um apelo à militância, como disse o filósofo Nuno Nabais na sua apresentação é um Manual, o Manual de intervenção cívica e política para o século XXI. Vamos ver se terá utilidade.



A Luta Contra o Nuclear - 15 de Março de 1976

Aquele quinze de Maio
Jamais Ferrel vai olvidar
A população em marcha
Recusou o Nuclear

Eram sete da manhã
O sino toca a rebate
O povo acorre com afã
Assim começa o combate

O povo informado
Às oito a marcha começa
Tudo vai animado
Nenhum medo o afeta

Uma vez lá chegados
Com calma e firmeza
Os trabalhos são parados
Era a primeira certeza

Ganha a primeira batalha
Não estava ganha a guerra
O povo não se atrapalha
Tinha de salvar sua terra

A luta continuou
Com o povo bem atento
Por mais dez anos durou
Mas conseguiu seu intento

Não foi fácil a vitória
Pois teve sabor a fel
Foi uma grande glória

Para o Povo de Ferrel
Joaquim Jorge, Ferrel, 9 de Agosto de 2017



Das lutas Ecológicas à Ecosofia

Nos primeiros meses de 1976, na orla do governo e das elites económicas do País, começaram-se a desenhar debates sobre a questão nuclear. Realiza-se mesmo um Encontro Nacional de Política Energética. Embora se simulasse um debate nacional, o governo explicitava uma estratégia clara sobre as intenções de construir uma central nuclear em Portugal.

Os "lobbies" e as multinacionais ligadas ao nuclear projetavam e avançavam já investimentos para esse pesadelo perigoso duma central nuclear em Portugal com uma nova tecnologia sofisticada, poluitiva e com eventuais designios militares geoestratégicos.

Iniciaram-se discursos tecnocráticos, de elites universitárias e empresariais que olhavam o nuclear como sinal de progresso e enriquecimento para o País. Por essa altura, em que as primeiras manifestações começavam a surgir, o povo opôs-se aos trabalhos preparatórios para a central nuclear em Ferrel.

Escrevi, em apoio à luta contra a ameaça nuclear, o artigo "Alternativas à Ameaça Nuclear" (RODRIGUES, 1976)

O povo exigiu esclarecimentos sobre os riscos de tal empreendimento. A Comissão de moradores dirigiu-se à Câmara Municipal e formulou uma firme tomada de posição impedindo a continuação dos trabalhos (...).

Os tecnocratas falarão do progresso científico e do prestígio nacional assegurado pelo baluarte da técnica mais moderna. Dirão que só os românticos e os passadistas viram as costas ao progresso da ciência. Chamarão obscurantistas a todos aqueles que se opuserem à construção da central nuclear.

Alguns economistas serão ainda mais eloquentes para impingirem a argumentação prolixa dos seus cálculos lucrativos.

A revolta, pronta e eficaz, paralisou os trabalhos e isso foi essencial para que se gerasse, neste processo de luta, uma consciência ecológica, isto é, um processo de alargamento da consciência face

à geopolítica militarista de exploração e dominação.

Pouco a pouco foi-se levantando uma onda crítica na população e no País. O discurso tecnocientífico dos tecnocratas foi dissecado. Em breve a luta ecológica aprofundou-se. Não eram apenas anseios românticos que se manifestavam na revolta. Não eram apenas reflexos de sobrevivência face ao risco ou ameaça. Abriam-se sim, alternativas à política nuclear. Desocultavam-se os interesses económicos do poder, a sujeição aos monopólios, a submissão à geopolítica mundial e, sobretudo, a recusa às novas alternativas ecológicas.

Muitos dos cientistas regiam-se ainda pelo antigo paradigma hegemónico das energias fósseis, sem se abrirem à emergência dum outro paradigma, o das energias renováveis que já começara e à aptidão de Portugal poder servir a via da renovabilidade energética com uma ecotécnica própria (energia solar, eólica, rios, maremotriz, geotermia, etc.).

Vai surgir assim, um alargamento da consciência ecológica no seio das populações, face a este processo desencadeado reativamente em torno da ameaça nuclear. Começou a ser evidente que a contaminação do ar e o esgotamento dos solos pela agroindústria poluente e não reciclável, poderia ser substituída por energias renováveis e processos agroecológicos, mais fáceis, mais úteis e mais apropriáveis.

Da revolta, face ao risco nuclear, passa-se à consciência proativa duma proposta de modelo social. Este novo paradigma rege-se pelos seguintes pontos:

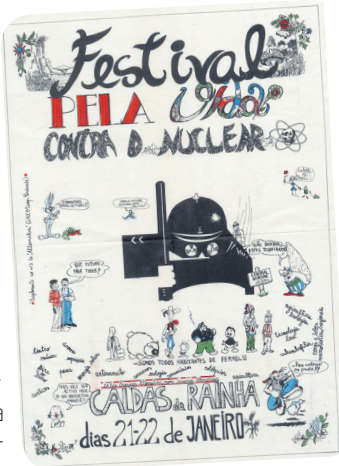
1. Rejeita a tecnociência fóssil e contaminante defendendo um outro modelo alternativo, o da ecotécnica, baseado nas energias renováveis e na reciclagem: contribui para a descentralização, para a autonomia, para a apropriação das ecotecnologias e para a participação cultural e solidária dos povos.

2. Rejeita o metabolismo linear do mundo industrialista defendendo o mundo da biosfera e da sociedade pós-industrial, que funciona através da interação dos ecossistemas. Assim, o modelo social coopera com a GAIA graças a um metabolismo circular em que se substitui a mecânica pela ecologia, o lixo não reciclável por nutrientes.

3. Rejeita o modelo consumista, gerador de injustiça social, de exploração e dominação política, para dar lugar a uma sociedade descentralizada, participada, ecologicamente sustentável em que o crescimento baseado nas energias fósseis e o autoritarismo repressivo, dará lugar a um desenvolvimento social e cultural ecologicamente sustentável.

Finalmente, descobrimos que o mundo com que nos quisermos formar ideologicamente no passado, era baseado no Ter e não no Ser. O mundo que teremos de construir para o nosso futuro, se quisermos continuar a viver, é o da ciência com consciência. Descobrimos, ao longo deste processo, que o social e a natureza estão sistemicamente ligados e que as questões sociais têm a ver com a natureza e que as questões ditas naturais (mudanças climáticas, esgotamento, poluição) são também questões sociais.

Política e ecologia são uma e a mesma coisa e a biosfera é o lugar de encontro do homem com o universo. É cada vez mais sabedoria ecológica.



Jacinto Rodrigues

1- RODRIGUES, Jacinto "Alternativas à Ameaça Nuclear", Gazeta da Semana, Ano I, n.º 2 de 8 de Abril de 1976

A luta de Ferrel renova-se

No Domingo 21 de Janeiro cumpriram-se 40 anos do festival anti-nuclear de Ferrel, evento que foi chave para acabar com o projecto de uma central nuclear nessa zona e para alimentar a luta anti-nuclear portuguesa. Era o final dos anos 70 e início dos 80, tempo de muitas lutas anti-nucleares na Península Ibérica, que foram inclusivé sangrentas do lado espanhol com os atentados da ETA que manchavam as lutas eco-pacifistas do movimento anti-nuclear e com a morte da activista Gladis de Lestal en Tudela (Navarra) por um disparo da Guarda Civil.

Resultante dessas lutas Portugal viu-se livre das nu-

cleares no seu território e o programa nuclear espanhol sofreu um grande bloqueio, já que só se construíram dez dos 35 reactores planificados. Desses 10 actualmente funcionam 7 em Espanha, com os dois de Almaraz perto das terras portuguesas e conectados com essas através do Tejo, via transmissora da radioactividade em caso de acidente.

As actividades nucleares ameaçam Espanha mas também Portugal. Além dos dois reactores de Almaraz, existe também a possibilidade de abertura de uma mina de urânio em Retortillo (Salamanca) muito perto de Portugal e também relacio-

nada com um rio. Para que essa mina abra é necessário um renascimento nuclear. Por esse motivo renovamos o espírito de Ferrel e dos protestos dos anos 70 e 80 para nos livrarmos dessa ameaça definitivamente.

O governo do Partido popular era favorável ao prolongamento da vida das centrais nucleares, mas o novo governo do PSOE propõe um calendário de fecho destas "em torno dos 40 anos" segundo a Ministra da Transição Ecológica, Teresa Ribera.

Entre 2020 e 2024 vai-se decidir o futuro da parque nuclear espanhol e também do modelo energético ibérico.

Além das declarações a favor

do encerramento escalonado das nucleares o novo governo paralisou a construção do cemitério nuclear de Villar de Cañas (Cuenca)

Esperamos que se concretize o avanço para um novo modelo energético mais ecológico e democrático com o fecho das nucleares e das centrais a carvão na próxima década. Penso que o governo analisará cada central por si e estabelecerá um calendário de fecho que não ultrapasse os 40 anos e, com a paralisação do cemitério nuclear abre-se uma porta para um enquadramento global da gestão dos resíduos radioactivos com um debate alargado para um consenso da cidadania.

Também no que diz respeito à mina de Retortillo (Salamanca) deveria o governo, desde já, negar a autorização de exploração, e resistir à enorme pressão da empresa mineira Berkeley.

Este governo depara-se todavia com uma grande fragilidade parlamentar e enfrenta eleições em 2020, o que limita a sua capacidade de manobra.

Com novos governos em Espanha e Portugal a acção anti-nuclear deve ser estruturada para a explicação que é possível prescindir da energia nuclear a curto prazo * e que propostas sensatas para a gestão dos resíduos sejam desenvolvidas.

O espírito de Ferrel está mais vivo que nunca e irá ajudar-nos a acabar definitivamente com esta ameaça à vida em toda a Península.

(*) No quadro ibérico a potência instalada excede em muito a produção necessária, além de que a Península tem sido, muitas vezes, exportadora para França e pode estimular com redes inteligentes a poupança e eficiência, além de desenvolver as renováveis e a micro-geração. Nota do tradutor, António Eloy

Por Francisco Castejon, físico nuclear, coordenador do MIA

Em 1978, quando se realizou o Festival Pela Vida e Contra o Nuclear, era Secretário de Estado do Ambiente, o Prof. Manuel Gomes Guerreiro. Depois de ter ensinado e participado na criação de várias universidades na do Algarve foi o primeiro reitor.

Tendo sido convidado para participar no colóquio no Festival, em que eram oradores os professores Delgado Domingos, Matos Ferreira, António José Saraiva, o Dr. Carlos Caldeira e a Comissão de Moradores de Ferrel, não pode aceitar mas enviou uma mensagem que foi lida e distribuída.

Pedimos ao filho, Prof. João Guerreiro, ex-Reitor da Universidade do Algarve, para relembrar o pai e esse momento particularmente marcante da luta ecológica em Portugal. Neste texto damos conta de outra luta ambiental e dos paralelismos com a nossa, em Ferrel.

40 Anos após, continuamos a adiar o futuro

Recordando a comunicação de Gomes Guerreiro enviada ao Festival Pela Vida e Contra o Nuclear (1978)

Um amplo movimento social e cívico foi lançado em torno do furo para prospeção de petróleo que o consórcio GALP/ENI quer fazer ao largo de Aljezur. Os procedimentos administrativos obrigatórios foram cumpridos, tal como há 40 anos aconteceu no caso da inesperada e infactível instalação da Central Nuclear de Ferrel.

A questão energética é uma condicionante essencial das nossas sociedades. E a procura de adequadas soluções tem gerado, permanentemente, acesas polémicas.

E se, há 40 anos, Gomes Guerreiro chamava a atenção para o que designava por "ação de diversão", frente aos problemas que, no domínio ambiental e territorial, o país então padecia, no caso atual do furo de Aljezur essa posição é igualmente pertinente.

Dispomos, no Algarve, de robustas fontes de energia renováveis (solar, eólica e marinha). Mas desprezamo-las e concentramos as nossas energias cívicas no mal-afortunado furo. Necessitamos de reorientar a nossa estratégia comum para soluções com futuro, mobilizando o conhecimento, intervindo nas escolas, sensibilizando as autarquias, condicionando as instituições, generalizando modelos ambientalmente

sustentáveis, para que possamos impedir que soluções do passado inibam o debate sobre o futuro.

João Guerreiro (Universidade do Algarve)

João Guerreiro, ele mesmo um cientista, é filho do saudoso Gomes Guerreiro, Secretário de Estado do Ambiente no tempo da acção de Ferrel.

Hoje é com prazer que relembrando o seu pai no Suplemento lhe damos voz, e empenho, no quadro da luta, contra as alterações climáticas e pela transição energética, que também é contra a nuclear, como o era a posição do Prof. Gomes Guerreiro, e pelo ambiente.

Por: João Guerreiro



A ideologia e a luta anti-nuclear, o caso português



Não há, temos que dizê-lo com toda a clareza, ideologia nuclear. A nuclear é um resultado de desenvolvimentos científicos, aplicados (a fissão do urânio!) para aquecer água e produzir energia em alternador com tecnologia industrial. Poluente para sempre e muito, muito arriscado.

A nuclear tem inimigos, a democracia política e a economia de mercado. E tem aliados, o comunismo (a URSS e o seu sucessor e a China) e o proteccionismo capitalista (o caso de França é o paradigma, mas Espanha também ou hoje Inglaterra são exemplos).

A democracia é o maior inimigo da nuclear, veja-se a Austria, Itália (e quero saudar especialmente a minha estimada amiga Emma Bonino!) ou Portugal e as economias abertas, os E.U.A. até Trump, a Inglaterra até Hickley, a Espanha hoje (!), e claro também Portugal e países onde o nuclear Kaputt (como na Alemanha que juntou as duas coisas! Democracia e economia). A nuclear, como tecnologia é pois neutra, e tem sido um erro, do meu ponto de vista, associá-la a ideologias, todas as ideologias defendem essa tecnologia, algumas respeitam, também, a sociedade aberta e outras não...

A ecologia é transversal, deve ser, a todos os partidos e a defesa de sociedades conviviais é um desiderato que pode enquadrar-se em todas as ideologias respeitadoras dos direitos.

Existem diversos modelos, esses sim antagónicos de organização social e poder político, em relação aos quais se estabelecem lógicas de confronto e aí sim as ideologias tem o seu papel.

A centralização ou descentralização, o privilegiar um ou outro sistema urbano ou de transportes, o primado de um modelo industrial ou determinado desenvolvimento agrícola, as determinantes da construção do sistema de poder e eleitoral.

Não em relação à nuclear, que é energia centralizada, capitalista ou comunista, mesmo modelo.

Já mencionei os soviets mais electricidade, nuclear, como me tentavam convencer os membros do Partido Comunista Português que lhe chamavam revolução técnica e científica, que esbarrou em Chernobyl, que nunca esqueceremos, ou os adeptos do apoio do Estado (a pagar tudo...) na lógica do "tout électrique (et la force de frappe!)" ou os monopólios que vivem à conta das, às costas do Estado (Framatome, Areva, EdF).

E todos, todos, os partidos políticos depois da revolução de Abril eram a favor da nuclear, excepto o P.P.M. partido monárquico, democrático e centrista e talvez os então quase inexistentes maoístas albaneses (UDP), não havia centrais na Albânia, senão.... No P.P.M. era figura de referência Gonçalo Ribeiro Telles, que consideramos no coração dos ecologistas ainda hoje!

Como se ganhou a batalha da nuclear em Portugal contra todas as ideologias? Formigando, na lógica de E.O. Wilson, em todas elas e criando alianças com todas elas, sem excepção. Nunca fazendo discursos de hostilização senão os necessários na coerência, e não entrando noutras guerras senão as do direito e do ambiente. Conseguimos, os ecologistas, unir a direita à esquerda, alguma direita a alguma esquerda, juntámos interesses capitalistas e desejos de autonomia, juntámos a economia a uma ideia social, demos sempre lugar ao mais importante em cada momento. Criámos condições para desenvolver renováveis e também lógicas de participação e envolvimento (*). Colocámos o mercado a bombar e em todos os partidos conquistámos aliados. Isto não é uma alteração do sistema, é uma alteração do paradigma em que este se vive. Em Portugal conseguimos ter connosco (MIA) gente de direita e de esquerda, temos conflitos, temos contradições e até discrepâncias. E embora não deixemos de reconhecer maiores empenhos de alguns sectores temos que esses, por exemplo, em nome do tal capitalismo de estado ou comunismo, são contra as renováveis, porque dão ...lucro.

Matéria para outro artigo.

(!) Se se der voz ao mercado e à democracia as centrais espanholas... fecham.

(*) nada disto envolve todos os ecologistas, alguns remaram, remam contra esta corrente...



António Eloy

FERREL 1976-78: então e hoje, que significado?

(continuação da 1ª página)

O LEGADO DE 1976-78

No próprio domínio da crítica do nuclear, o legado do período 1976-78 continua a constituir um acervo precioso. Com efeito, se Portugal no seu território dificilmente será algum dia causa de um algum novo Chernobil ou Fukuxima, poderá no entanto ser vítima. Almaraz, e outras instalações nucleares na Península Ibérica de responsabilidade do Estado espanhol, estão aí para o lembrar. Se houve durante alguns anos um certo adormecimento no nosso País em relação a essa indesejável realidade, nos últimos dois anos essa apatia foi superada. É por isso de evocar aqui o importante papel que para isso tem desempenhado o Movimento Ibérico Antinuclear e a sua campanha Fechar Almaraz. Do lado português, grande parte do mérito deve-se a um ativista que nunca se desviou do legado de 1976-78, António Eloy, e à colaboração de diversas correntes cívicas, de que destacamos os movimentos e os ativistas ecoambientais, em particular a Quercus e em especial Nuno Sequeira e a associação Zero, especialmente Carla Graça. Para uma história do movimento antinuclear português

Existem dispersos não poucos elementos escritos válidos para a história do movimento antinuclear em Portugal, mas está ainda por fazer uma história sistemática e ampla. Para terminar, não posso deixar de referir um notável contributo dado por um livro de publicação recente, curiosamente também oriundo das Edições Afrontamento. É de autoria do jovem historiador Bruno Madeira, tendo resultado da adaptação de uma dissertação de mestrado no departamento de História da Faculdade de Letras do Porto e do incentivo e enquadramento do CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura Espaço e Memória, da mesma Faculdade. A convite do Autor, tive a satisfação de escrever o prefácio desse livro, Não foi para morrer que nós nascemos. O movimento ecológico do Porto (1974-1982), que dedica ao movimento antinuclear em Portugal um amplo e sólido capítulo.

Tudo isto é, ainda, o significado que teve e tem a luta de Ferrel e do movimento ecoambiental nascente dos anos 1974-1982.



José Carlos Costa Marques

O passado que marca o presente e o futuro da energia em Portugal

Há umas décadas atrás, um grupo de pessoas de diferentes quadrantes sociais teve a coragem de fazer frente a um projeto que era apresentado como inquestionável: a construção de uma central nuclear em Portugal.

Contra as opiniões dominantes e os estudos preparados para as suportar, este grupo de pessoas reuniu os seus esforços no sentido de procurar travar a construção de uma central que, caso tivesse sido construída, ter-nos-ia associado a uma tecnologia pouco flexível, perigosa e insustentável. A sua insustentabilidade é, desde logo, do ponto de vista ético, uma vez que dela resultam resíduos extremamente perigosos cuja existência se prolonga muito para além da vida de qualquer central ou dos decisores que sobre ela decidem. Da energia nuclear resulta apenas um legado tóxico para as gerações futuras, exatamente o contrário do que o conceito de sustentabilidade preconiza.

Neste contexto, o destaque que Portugal consegue hoje nos media internacionais sempre que o país fornece a totalidade das suas necessidades de electricidade através de fontes renováveis, dificilmente seria uma realidade caso se tivesse construído uma central nuclear, visto que não teria havido espaço para uma cada vez maior integração de energias renováveis nos nossos usos de energia, que seriam então abastecidos por uma fonte altamente poluente em alternativa.

Se já hoje são inúmeras as barreiras que se colocam a soluções descentralizadas e de base comunitária no sistema energético atual (ainda demasiadamente preso a um modelo centralizado dominado por muito poucos grandes players), uma central nuclear em Portugal representaria um reforço desse modelo, cada vez mais obsoleto e incapaz de responder aos desejos dos cidadãos e das comunidades de tomarem o controlo e participarem mais ativamente no sistema energético.

Neste contexto, a Coopérnico, a primeira cooperativa de energias renováveis em Portugal, deve um agradecimento a todos estes homens e mulheres que acreditaram numa visão estratégica diferente para um país que tem à sua disposição recursos renováveis de enorme importância, mas que teima em não os aproveitar em pleno, em particular na área da energia solar descentralizada, seja para produção de electricidade, seja para produção de águas quentes sanitárias.

É urgente que se promova de forma mais ativa o aquecimento de águas sanitárias e a produção de electricidade a partir do sol, que se estimule o autoconsumo, mas que se permita também maior flexibilidade, em particular para os cidadãos e famílias que, não estando em casa durante o período de maior produção solar, possam usar a rede como armazenamento, recebendo à noite os créditos da electricidade produzida e disponibilizada à rede durante o dia. É neste sentido que a Coopérnico está a fazer o seu caminho. Dando voz aos cidadãos que defendem um sistema energético diferente, onde o cidadão está no centro e onde se maximiza a capacidade de produção de electricidade a partir de fontes renováveis, até porque, com o desafio da mobilidade elétrica (que deve antes de mais ser uma mobilidade coletiva e partilhada para que possa ser sustentável) há ainda uma larga parcela das necessidades energéticas que deverá ser suprida por energias renováveis.

Através do desenvolvimento de projetos de produção de electricidade renovável para venda à rede e para autoconsumo e constituindo-se como comercializador independente, a Coopérnico procura ser herdeira do legado deixado por todos aqueles que ao longo da história recente do nosso país tudo fizeram para evitar o erro estratégico de deixar o país enveredar pela energia nuclear. Assim, através da sua ação quotidiana a Cooperativa procura tornar realidade a perspetiva visionária defendida por estes homens e mulheres. Por um futuro renovável e sustentável para todos.



Susana Fonseca
Membro da Direção da Coopérnico

